

Espaços de Socialização de Coletivos (ESCs) - REPRESENTAÇÕES E FORMAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

NOTAS PARA UMA GEOGRAFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS EM ERNST CASSIRER¹.

Sylvio Fausto GIL FILHO
Departamento de Geografia UFPR
faustogil@ufpr.br

RESUMO

Os estudos de representações centradas na obra de Cassirer partem da sua teoria do homem como um ser simbólico. Cassirer ao discutir o objeto das Ciências Culturais aponta que a ordem da natureza não está mais próxima do homem do que da ordem que o homem descobre o seu próprio mundo. Esse processo conscientiza o homem de que ele não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo em um universo simbólico. A partir de quadro posamos distinguir as seguintes espacialidades em Cassirer: a espacialidade de expressões; das representações; do *lógos*; do pensamento religioso. As espacialidades são parte de um sistema simbólico que estrutura funcionalmente a experiência humana. O espaço se apresenta como um a priori nas relações estabelecidas entre a consciência e a experiência; assim como é um fundamento necessário aos diversos sistemas simbólicos. A restrição objetiva do espaço de ação em Cassirer estabelece possibilidades da discussão sobre uma hermenêutica de territórios.

Palavras-Chave: Formas Simbólicas, Ernst Cassirer, Representações.

INTRODUÇÃO

Uma frente de embates apresenta seus sinais decorrentes da intensificação e difusão da discussão teórica que a “virada cultural” e a “virada linguística” evidenciam na produção científica da geografia humana no Brasil. Parte de antigos antagonismos paradigmáticos emergem frente à retomada de abordagens calcadas em filosofias de sentido sendo agora rerepresentados pela teoria crítica, que questiona muito mais o papel ideológico das abordagens do que seu poder explicativo.

Essas perspectivas participam em tese de uma mesma estrutura cognitiva, todavia tanto uma quanto outra colocam a prioridade de determinada interpretação em relação as demais de modo quase excludente. Existe, pois uma hierarquia de

¹ Ernst Cassirer (1874 - 1945) nasceu na cidade germânica de Breslau (atual *Wrocław* na Polônia) era de origem judaico-alemã, estudou Direito em Berlin (1892) tendo mudado para literatura germânica e finalmente Filosofia. Mudou frequentemente de Universidades para Leipzig, Heidelberg voltando para Berlin até chegar a Marburg (1894) onde estudou com Hermann Cohen. Obteve o título de doutor (1899) tornando-se professor titular da Universidade de Hamburg (1919), onde ensinou filosofia até 1933. Deixou a Alemanha após a ascensão de Hitler ao poder. No período de emigração foi para o Reino Unido lecionando em Oxford (1933-1934), Universidade de Göteborg, na Suécia (1935-1941) e nos Estados Unidos na Universidade Yale e Universidade de Columbia (1941-1945).

condicionantes como, por exemplo, a estrutura econômica em detrimento do cultural ou a estrutura social em relação ao simbólico.

Os sentidos simbólicos que as motivações e ações humanas são invariavelmente submetidas sugerem uma primeira hermenêutica geográfica. Lembrando Cosgrove (1988-1994) em sua interpretação da paisagem como um texto a ser decodificado e quanto essa analogia nos coloca diante do desafio epistemológico de como podemos interpretar a realidade a partir dos mecanismos da consciência a nível representacional.

Paulatinamente se verifica que as premissas teóricas sobre a cultura como somente um mecanismo de produção e reprodução, não são satisfatórios no quadro maior dos instrumentos de conhecimento do mundo objetivo.

A partir desse contexto, considera-se relevante o diálogo com outras disciplinas, em especial a filosofia, para equacionar melhor o problema de fundo que a própria geografia se coloca. Há, pois, a necessidade de uma segunda hermenêutica em relação à abordagem cultural na geografia que se circunscreve na objetivação da cultura no categorial espacial.

GEOGRAFIA EM ERNST CASSIRER: UMA JUSTIFICATIVA

A primeira questão que aflora sobre os motivos desse ensaio é sobre o porquê da opção de análise a partir do sistema das formas simbólicas de Ernst Cassirer e não de outras bases filosóficas já recorrentes e talvez mais aceitas na discussão atual das geografias fenomenológicas.

A presença de Cassirer é inegável nas entrelinhas das obras de seus contemporâneos. Na obra de Heidegger algumas menções são representativas tais como estudo crítico do segundo volume da obra de Cassirer [1925], “*Philosophie der Symbolischen Formen - Das mythische Denken*”, o debate sobre Kant em Davos de 1929, na obra “*Sein und Zeit*” (Heidegger 1927).

No livro *Phénoménologie de la perception* de Maurice Merleau-Ponty [1945] há uma evidente influência da leitura do terceiro volume da obra de Cassirer [1929]. Também Michel Foucault é apontado, segundo a biografia escrita por David Macey (1993), como “discípulo” de Cassirer. Ainda poderiam ser citados outros nomes que segundo S. G. Lofts (2000) dialogaram, explícita ou implicitamente, com a obra de

Ernst Cassirer como: Claude Lévi-Strauss, George Bataille, Jaques Derrida, Hans Blumenberg, Erwin Panofsky e Jaques Lacan.

O diálogo com a obra de Ernst Cassirer na geografia é ainda incipiente vale a lembrança do artigo seminal de J. Nicholas Entrikin (1977) “*Geography's Spatial Perspective and The Philosophy of Ernst Cassirer*” onde o autor discute a perspectiva espacial por parte de geógrafos neopositivistas e fenomenológicos e o potencial da busca de concepções espaciais na filosofia *cassireriana*.

No Brasil a retomada da discussão sobre Cassirer por geógrafos pode ser verificada através do *Núcleo de Estudos em Espaço e Representações* (NEER) com o trabalho “*Signos e Espaço MUNDOS - A semiótica da espacialização na Geografia Cultural*” que discute a possibilidade de outras lógicas de espacialização na geografia de W. D. Sahr (2007) e o capítulo “*Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico*” que é uma proposição *cassireriana* no campo da Geografia da Religião (GIL FILHO, 2007). Também no âmbito de estudos interdisciplinares sobre religião cabe mencionar os debates desenvolvidos no *Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião* (NUPPER) nos anos de 2006 a 2009.

O SISTEMA DAS FORMAS SIMBÓLICAS

Os estudos de representações centradas na obra de Cassirer (1942, 1944) partem da sua teoria do homem como um ser simbólico que o caracteriza como superação das limitações biológicas. Assim a cultura situa-se como um quadro de referência onde o homem se projeta. Cassirer ao discutir o objeto das Ciências Culturais aponta que a ordem da natureza não está mais próxima do homem do que da ordem que o homem descobre o seu próprio mundo. Sendo assim, o homem não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo em um universo simbólico.

A base fundamental da teoria da cultura de Cassirer é que consciência humana é simbólica por natureza. Desse modo podemos inferir que a consciência do mundo, ou seja, a realidade é representação, é significado cuja forma que melhor explicita essa premissa é a linguagem. Assim sendo, a linguagem realiza a transcendência da individuação da percepção sensível do mundo para o sentido das representações e a necessária universalidade que se apresenta nesse campo. A linguagem permite que a

razão científica se manifeste através de conceitos de maneira objetiva. No dizer *cassireriano* a linguagem é uma determinada direção fundamental de nossa ação espiritual, uma totalidade de atos psíquico-espirituais que revela um novo aspecto da realidade das coisas.

Portanto a função simbólica da mente humana é uma ação concreta que manifesta às obras humanas e que coloca a linguagem, o mito, a religião, as artes e a ciência como formas simbólicas na medida em que cumprem a função de plasmar o real. Cada uma das formas simbólicas age na conformação da realidade de modo específico na sua própria esfera de ação e princípio formador.

No sistema das formas simbólicas de Cassirer a ciência não realiza sozinha a “síntese espiritual” na estrutura das formas simbólicas, mas é parte do conjunto que sustenta o conhecimento. Os conceitos exercem uma subordinação à diversidade da empiria, mas para serem válidos tem de necessariamente apoiarem-se em certas bases intuitivas dentro da lógica do conhecimento. Cabe asseverar que as artes, a linguagem, os mitos e a religião exercem uma ordenação do mundo que escapam a lógica conceptual preestabelecida. O ordenamento que essas formas estabelecem são outros.

Ortiz-Osés (2004) propõem chaves estruturais para análise do sistema cassireriano partindo da premissa que as formas simbólicas estão em correlação dialética. Ou seja, a lógica esta relacionada com as representações e esta com o pensamento intuitivo assim sendo as formas simbólicas – ciência, linguagem e mito - transitam dialeticamente nessas esferas. O autor aponta que há um movimento evolutivo na direção do *mithos* ao *lógos*. A relação do homem com o mundo é mediada pelas formas simbólicas. O conhecimento imediato do mundo é, pois necessariamente realizado pela mediação simbólica que articula a realidade e idealidade, sujeito e objeto assim como materialidade e forma.

AS FORMAS SIMBÓLICAS E SUAS ESPACIALIDADES

Nosso pressuposto é de que a geografia sofre, enquanto ciência particular, do malogro entre a perspectiva factual e a simbólica. O conhecimento factual é onde a Geografia elabora na sua primeira hermenêutica e essa retorna como problema em uma segunda hermenêutica. Não há possibilidade, para Cassirer, de a ciência apreender de

imediatamente a realidade, pois a objetivação da mesma necessita de uma mediação e esta se faz a partir de uma estrutura lógica conceitual que tenta explicitar a estrutura, função e significado do objeto. A multiplicidade de mediações não contradiz a necessidade da unidade do pensamento, mas a apresenta em outra perspectiva, uma nova forma dentro de um sistema de conhecimento. Nesse contexto, a geografia realizaria uma mediação particular cujo quadro conceitual é referido ao categorial espacial (espaço, território, lugar, região, paisagem) que proporciona uma objetivação propriamente geográfica da realidade. Desse modo as individualidades fenomênicas são restituídas em uma universalidade válida.

A linguagem ocupa uma posição central no sistema das formas simbólicas de Cassirer, pois esta é o cerne da cultura humana e seu devir. Ou seja, é na forma simbólica em cujo espectro se constitui a estrutura do mundo.

O mundo das representações cuja forma simbólica é a linguagem se realiza na interseção do campo sensível e a esfera do intelecto. Pois no pensamento de Cassirer [1923] a simples sensação que prescinde qualquer forma de ordenação não pode ser considerada um fato da experiência, mas apenas resultado da abstração. A matéria nunca é dada sem qualquer espécie de conformação, portanto já na sua origem ela é estabelecida sob as formas de tempo e espaço.

Cassirer [1923] estabelece na discussão sobre o conhecimento a circunscrição das possibilidades de simultaneidade e sucessão que são reunidas na totalidade espaço-tempo e a justificação de que a linguagem “como espelho do espírito” reflete esse processo. A linguagem em todos os seus níveis apresenta reminiscências de base intuitiva ligada às origens. O sentido e a sensibilidade estão conectados na base da linguagem, ou seja, a passagem do mundo da sensação para a intuição pura. A estrutura das formas da intuição tempo e espaço permeiam a ação da linguagem e sua lógica na função da passagem das impressões sensíveis para as representações. Sendo assim a linguagem como forma simbólica opera um mundo de representações que torna o mundo sensível em um mundo inteligível. Possibilita a síntese substância e espaço enquanto representação em sua totalidade estrutural e no *stricto sensu* uma espacialidade das representações.

A partir desse entendimento as espacialidades são verificadas a partir do campo de ação de determinada forma simbólica, portanto no primeiro momento é a unidade da

consciência que se exterioriza na relação com a multiplicidade do mundo sensível e retorna enquanto esquema representacional. As formas simbólicas no seu papel funcional agem como estruturas estruturantes da realidade sob campos de ação, ou seja, espacialidades do mundo. As espacialidades são tanto o esquema perceptual de determinada forma simbólica quanto representação objetivada do fenômeno.

O mundo das expressões e percepções é engendrado pelo pensamento mítico que se expressa na própria experiência simbólica do mundo. Faz parte da experiência original e primogênita do mundo desse modo é dada no âmbito imediato da realidade sinonímica emergente. O mito como forma simbólica destacada se distingue da explicação de um sistema metafísico ou teológico. Pois, a premissa da forma impõe um conhecimento funcional da interpretação mítica dos fenômenos tanto naturais como humanos. Pois é na forma que há certa universalidade do mito.

O mito, nesse contexto, realiza um momento de mediação no limiar da realidade enquanto expressão sensível e intuição perceptual. Como comenta W. A. Van Roo (1972) “uma metaforização sensível do real”, ou seja, a revelação fenomênica da vida subjetiva.

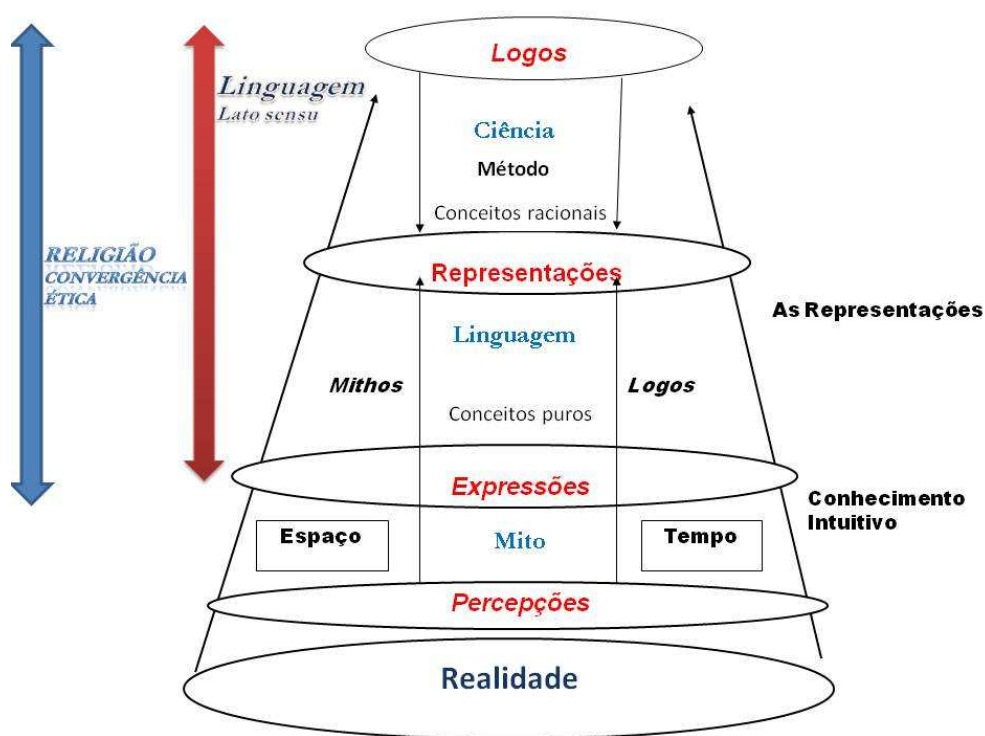
A religião como forma simbólica está muito próxima da funcionalidade do mito no sistema *cassireriano*, mas as religiões historicamente dadas a partir de um discurso fundador sacralizado em texto realizam a progressão entre *mithos* e *lógos* onde há uma potência moral como predicado divino de sustentação ética do mundo. Cassirer [1944] caracteriza essa tese apresentando a religião de Zoroastro onde a crença em um Ser Supremo fonte de uma força ética que supera as primeiras concepções do sagrado em, tradições anteriores. A religião de Zoroastro estabelece uma nova base, radicalmente diferente dos mitos pré zoroastrianos e gregos que são apresentados como projeção da imaginação mítica e estética. Esse fundamento é entendido por Cassirer como “a expressão de uma grande vontade moral pessoal”. Entretanto, se as religiões marcadas pela característica de convergência ética, funcionalmente, nos aproximam de uma nova transcendência em relação ao *mithos* para o *lógos* podemos especular da possibilidade de um patamar específico e original do pensamento religioso. Mesmo considerando a estrutura e gênese comum do processo de simbolização humana como tendo a direção do *mithos* para o *lógos*; é possível verificar um círculo hermenêutico próprio do

pensamento religioso onde o mundo da religião perpassa os níveis do mítico, das representações e do *lógos* em seu estrito âmbito.

O mundo do *lógos*, onde a ciência é a forma simbólica relevante, é a realização plena no sistema *cassireriano* onde as realidades perceptuais e representacionais atingem o acabamento abstrato. No mundo abstrato o pensamento lógico e científico encontram seu refinamento em conceitos funcionais e relativos. Cassirer em sua reflexão sobre a Física demonstra as estratégias de objetivação das ciências empíricas através de conceitos lógico-matemáticos e a tendência correlacional expressando a realidade pela função numérica.

A partir dessa discussão apresentamos o esquema do sistema *cassireriano* com os níveis de articulação das formas simbólicas e suas correlações. (Figura 01)

FIGURA 01 – ESQUEMA DO SISTEMA CASSIRERIANO



Fonte: GIL FILHO, 2010.

ESPAÇO EM CASSIRER

Cassirer [1929] no terceiro capítulo do volume três da “*Philosophie der Symbolischen Formen – Phänomenologie der Erkenntnis*” em sua análise sobre o

conceito e o problema da representação parte da noção de que espaço é inerente a fixação das coisas que demonstra a sua existência enquanto unidades espaciais. Ou seja, como já discutimos anteriormente, trata-se do ato de marcar uma posição da totalidade do espaço intuitivo. O ponto fixo e a posição das coisas no espaço real assim como as suas relações são determinações objetivas de sua existência. Portanto o mundo empírico da percepção antecede o conceito teórico próprio do mundo lógico abstrato.

Isto é, o mundo das coisas implica em uma questão espacial necessária.

Assim como o mito, a religião e a linguagem; a atividade espiritual realiza as suas configurações iniciais a partir de uma mediação universal que é o espaço. A distinção entre essas formas simbólicas, em seu processo de espacialização do mundo, difere no sentido de como atuam. A intuição espacial na esfera mítica mantém uma relação sensível do mundo onde a espacialidade de expressões se realiza. As espacializações com realce mítico geram determinações e regionalizações com um sentido intuitivo específico que se tornam um mundo de expressões. Na esfera da linguagem as determinações espaciais são demonstrativas e faz a função de intermediação entre o espaço de expressões e o espaço abstrato. Enquanto o mito produz rupturas espaciais em mundos de expressão que interfere na perspectiva espacial de caráter objetivo fornecendo o tempero das subjetividades; a linguagem consegue a transmutação dos espaços de expressão em espaços de representação. A nomeação do mundo a partir de regiões intuitivas com características qualitativas enseja os rudimentos do ordenamento espacial, pois estabelece os parâmetros relacionais iniciais de medida, distância e situação. A passagem do espaço pragmático ao espaço objetivo, do espaço da ação para o espaço intuitivo é estabelecida potencialmente no mundo representacional.

A consciência espacial é compreendida em termos de uma progressão da ação, ao esquema, ao símbolo e à representação que possibilitou uma transformação do pensamento e a decorrente objetivação do espaço abstrato. Assim o espaço das representações adquire sua objetividade quando seleciona determinadas percepções fenomênicas e situando-as em pontos referenciais. Temos, através da linguagem, um processo de fixidez das percepções em representações que pela função simbólica são projetadas na consciência. Portanto as características estruturais do espaço da percepção não são suscetíveis às qualidades de homogeneidade e continuidade próprias do espaço matemático muito embora, Cassirer [1929] apresente em comum a tendência da

“formação de constantes”. O espaço abstrato, como espaço simbólico, age em seu poder unificador e em sua função teórica para a explicação dos fenômenos anteriormente captados enquanto espaço de percepção e objetivado como representação reunidos em uma textura da experiência.

TENTATIVA DE SÍNTESE

O diálogo com o *sistema cassireriano* na Geografia pode ser considerado em duas perspectivas: a primeira está centrada na questão de como a filosofia da cultura em Cassirer ajuda no debate do deslocamento teórico-metodológico aberto pela “virada linguística”; e a segunda questão é como a perspectiva espacial sob a teoria das formas simbólicas pode contribuir para a crítica do categorial espacial utilizado.

Podemos considerar que não houve por parte dos geógrafos uma apropriação da teoria das formas simbólicas no âmbito da Geografia Cultural, há apenas fragmentos e citações das obras de Cassirer, mas não de um modo mais sistemático. Sem dúvida o artigo de J. Nicholas Entrikin publicado em 1977 tem aparência de uma tentativa que não produziu uma sucessão considerável na produção científica da área.

Considerando o pressuposto de que as formas simbólicas são formas culturais que podem ser decodificadas a partir de várias modalidades com funções simbólicas específicas; as espacialidades do espaço de ação são definidas como:

- (i) A espacialidade de expressões onde as formas simbólicas do mito, das artes e a linguagem (em seu substrato) operam. A dimensão das expressões são também essências ou formas significantes.
- (ii) A espacialidade das representações que compreende o reino do senso comum ou senso empírico-intuitivo que se assemelha ao conceito de mundo consensual. Esse é o campo de atuação da linguagem em seu sentido pleno.
- (iii) A espacialidade abstrata ou do *lógos* que é a dimensão teórica, o mundo conceptual onde a forma simbólica atuante é a ciência.
- (iv) A espacialidade do pensamento religioso que se refere à dimensão de mediação da forma simbólica religião. Nesse caso considera-se a diferenciação indicada por Cassirer quando analisa as religiões de convergência ética.

Todas as espacialidades são parte de um sistema simbólico que estrutura funcionalmente a experiência humana. O espaço se apresenta como um *a priori* nas

relações estabelecidas entre a consciência e a experiência como um espaço de ação onde os sistemas simbólicos fornecem as bases da cultura através da significação da experiência e da objetivação do espírito.

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, E. [1910 e 1921] **Substance and Function and Einstein's Theory of Relativity**. tradução para o inglês de M. C. Swabey et all. Mineola N. Y: Dover Publications, 2003
- _____. [1923] **A Filosofia das Formas Simbólicas – I – A Linguagem** tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. [1925] **A Filosofia das Formas Simbólicas – O Pensamento Mítico** tradução de Cláudia Cavalcanti, São Paulo: Martins Fontes, 2004
- _____. [1929] **Filosofía de las formas simbólicas III - Fenomenología del Reconocimiento**. tradução para o espanhol de Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998
- _____. [1942] **The Logic of The Cultural Sciences - five studies**. tradução para o inglês de S. G. Lofts. New Haven: Yale University Press, 2000
- _____. [1944] **Ensaio sobre o Homem – Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana** tradução de Tomás Rosa Bueno, São Paulo: Martins Fontes, 1997
- COSGROVE, D. *Worlds of Meaning: Cultural Geography and Imagination*, In: FOOTE, K. E. et al (org.) **Re-Reading Cultural Geography**., The University of Texas Press, Austin, 1994, p. 387-395
- _____. [1988] *Geography is Everywhere: Culture and Symbolism in Human Landscapes* In Timothy Oakes, Patricia L Price (orgs) **The Cultural Geography Reader**, New York, N Y: Routledge, 2008, p. 176-185
- ENTRIKIN, J. Nicholas. *Geography's Spatial Perspective and The Philosophy of Ernst Cassirer*, **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, Ottawa, v. 21, n. 3, p. 209–222, 1977.
- GIL FILHO, S. F. *Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico*. In: KOZEL, S.; SILVA J. C.; GIL FILHO, S. F.. (org.). **Da Percepção e**

Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. 1 ed. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 207-222

HEIDEGGER, M.[1927] **Ser e Tempo**, tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989.

LOFTS, S. G. **Ernst Cassirer – A “Repetition” of Modernity.** Albany N. Y.: State University of New York Press, 2000.

MACEY, D. **The lives of Michel Foucault.** London: Hutchinson, 1993

MERLEAU-PONTY, M. [1945] **Phenomenology of Perception.** tradução de Colin Smith. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1962.

ORTIZ-OSÉS, A. *Cassirer y las formas simbólicas* In: ORTIZ-OSÉS , A.; LANCEROS, P. (org). **Diccionario de Hermenéutica**, Bilbao: Universidad de Deusto, 2004. p.41-48

SAHR, W. D. *Signos e EspaçoMUNDOS - A semiótica da espacialização na Geografia Cultural.* In: KOZEL, S.; SILVA J. C.; GIL FILHO, S. F.. (org.). **Da Percepção & Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da geografia Cultural e Humanista.** São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 57-79

VAN ROO, W. A., *Symbol according to Cassirer and Langer. Part I: Cassirer's Philosophy of Symbolic Forms*, **Gregorianum**, Roma, n.53, 1972